

É com grande prazer que anunciamos o terceiro e último número do 13º Volume da *Revista Trágica*, do ano de 2020. Apresentamos desta vez uma grande variedade de autores e de temas a eles relacionados, de Bachelard e Canguilhem a Nietzsche e Spinoza, de Richard Taylor, Michel Henry e Althusser a Deleuze e Voltaire.

O texto que abre o número se intitula *Entre Bachelard e Canguilhem: da psicanálise do fogo à pedagogia da cura*, de Caio Souto (UEAP). O artigo se inicia com uma breve análise de três textos tardios de Michel Foucault, os quais remetem a uma certa herança iluminista no pensamento epistemológico francês, para em seguida avançar em direção a algumas considerações concernentes a essa herança sob uma perspectiva um pouco diversa da foucaultiana. Para tanto, o autor recorre a um escrito posterior de Canguilhem acerca da ideia de progresso, do qual cumpre um recuo à obra de Bachelard, antes de retornar a Canguilhem. Neste recuo, aborda-se a noção de “psicanálise do fogo” de Bachelard, com suas reminiscências nietzschianas e freudianas, para ao cabo concluir com considerações a respeito da possibilidade de uma “pedagogia da cura”, tal como formulada por Canguilhem.

O segundo texto, de autoria de Saulo Krieger (Unifesp), se intitula *Dioniso nietzschiano: artístico, pulsional, filosófico*. O artigo trata dos nexos de proximidade e de afastamento que envolvem a figura de Dioniso nos períodos inicial e final da produção de Nietzsche. Para tal feito, aborda-se a presença resiliente de Dioniso em seu percurso intelectual, mesmo em seus momentos de baixa vitalidade; o sentido da retomada de Dioniso; o estatuto de Dioniso em seu filosofar (como *pathos*); o *modus operandi* de Dioniso; e, por fim, o estofo pulsional de Dioniso retomado.

O terceiro texto intitula-se *Spinoza e Michel Henry: imanência e afetividade*, de Gionatan Carlos Pacheco (UFSM). O trabalho aborda a leitura feita por Michel Henry da obra de Spinoza. Partindo da chave de leitura de Henry, que é o conceito de felicidade como horizonte da afetividade, analisa-se a proximidade desses autores em relação ao conceito de Deus, bem como a imanência da relação mente-corpo. Como método de apresentação da centralidade da noção de afetividade em ambos os autores, expõe-se como cada um se vale da noção de afetividade, a fim de superar seus antecessores, no caso, Descartes e Husserl.

O quarto texto, de Diego Marques Cavalcante (Unifesspa), intitula-se *O procedimento da criação: imanência e produção de diferença em Gilles Deleuze e Félix Guattari*. O artigo constrói um percurso de investigação dos procedimentos de criação em Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para isso, serão destacadas as relações entre os conceitos de agenciamento, máquina abstrata e atualização. Relações tais que têm o propósito de ir na direção das seguintes questões sobre a criação: Qual o contexto? Quais os aliados da criação? O que é criado?

O quinto texto se intitula *Imanência, política e marxismo: da autocrítica althusseriana ao materialismo do encontro*, da autoria de Felipe Melonio Leite (UFF). O artigo é dedicado ao movimento autocrítico de Louis Althusser. Analisa-se o novo papel que o político passa a exercer na estruturação de sua teoria. De uma posição de objeto de análise, passivo de uma *episteme* totalizadora, ela se torna fundante de todo discurso possível. O enfoque aqui recai sobre o papel do político. Apresenta-se as rupturas (como a incorporação do *vazio*, do *aleatório* e da conjuntura política) e as continuidades (como a manutenção da crítica ao essencialismo filosófico) na obra de Althusser, da autocrítica dos anos 1970 ao “materialismo aleatório” do final de sua vida. Nesse ponto é observada a complexificação do anti-humanismo teórico e a construção de um marxismo inspirado nos clássicos da imanência e sem cessões ao idealismo e à teleologia.

O sexto texto, de João Wilson Sobral Santos (UERJ), intitula-se *Nietzsche e Wagner: bela música para o fim do mundo*. O artigo procura revisitar a filosofia do trágico e a filosofia da música nietzschianas no modo de uma mútua interpenetração. Aborda-se as associações e rupturas entre Nietzsche, Wagner e Schopenhauer, tentando mostrar um pouco das suas contradições, com ênfase no percurso nietzschiano em direção a uma compreensão possível do belo enquanto “belo trágico”. O fio condutor dessa compreensão estética é a música, sobretudo o prelúdio de *Tristão e Isolda* e sua antítese irônica, *Carmen*. Para disparar, apoiar e oferecer um exemplo de aplicação artística da discussão, recorre-se ao filme *Melancholia*, de Lars von Trier.

O sétimo texto se intitula *Do desejo à criatividade: a mudança na visão imanente de Richard Taylor sobre o sentido da vida*, da autoria de Anamar Moncavo (UERJ). A autora aborda a concepção de Richard Taylor acerca do sentido da vida, primeiramente apresentada no texto *The meaning of life*, no qual se discute a figura de Sísifo, retomando uma imagem já evocada por Camus e ressignificando a atividade de Sísifo, de modo a conferir, mesmo a ele, a possibilidade de viver uma vida com sentido.

Posteriormente, em *Time and life's meaning*, Taylor sustenta uma visão de todo distinta, negando que as condições descritas no primeiro texto sejam suficientes para que a vida de Sísifo seja significativa. O objetivo do trabalho consiste em apresentar e confrontar as perspectivas do que se chama de “primeiro Taylor” e de “segundo Taylor”, respectivamente, sob a ênfase do diálogo crítico.

O oitavo e último texto intitula-se *Cândido: o nascimento do trágico moderno*, de Claudio R. O. Cavargere (PUC-SP). O texto busca atravessar Voltaire à luz das contribuições de Nietzsche. Mais do que esgotar conceitualmente o pensamento deste último, busca-se utilizá-lo como lâmpada, direcionando experimentalmente seus lampejos em direção aos textos do primeiro. Se foi Nietzsche aquele quem nos desvelou o rufar trágico-dionisíaco grego, intenta-se demonstrar como este mesmo pensamento trágico pode ser encontrado sob o véu das Luzes de Voltaire. Seguindo o movimento artístico-teatral voltairiano, optou-se por dividir o texto em três atos: o primeiro, dedicado à forma de *Cândido* ou Otimismo; o segundo, à concepção trágica da história desenvolvida por Voltaire; por fim, o último dedicado ao seu irrequieto gaio saber.

Ainda contamos com uma tradução em formato bilíngue (latim/português) da *Carta XVII de Spinoza para Balling*, realizada por Samuel Thimounier Ferreira (USP), o qual também fornece notas decisivas para o acompanhamento da leitura.

Desejamos a todos bons estudos.

André F. G. Correia
Editor Associado da *Revista Trágica*